

## EDITORIAL

Caros leitores,

Iniciamos esta edição da *Último Andar* com uma ótima notícia: **nossa revista subiu no conceito da Capes para B1**, enriquecendo não apenas a credibilidade do periódico, como o currículo dos autores que colaboraram e que colaborarão com ele. Como já sinalizado em editoriais anteriores, a equipe tem como meta para este novo momento da revista um crescimento contínuo em conceito, o que é incomum para periódicos acadêmicos abertos ao público discente. Isso foi possível graças à qualidade dos artigos que recebemos e ao interesse dos leitores, e portanto aqui declaramos nossos sinceros agradecimentos.

Esta edição de número 25, com o tema *Religião, Literatura e Arte: possibilidades de diálogo*, recebeu importantes contribuições. Entre eles, o cordelista Moreira de Acopiara, cujo trabalho perpassa os temas propostos neste número. Figura muito presente em nosso meio acadêmico, já fez cordel de figuras religiosas como Padre Cícero e Dom Helder Câmara, mas também sobre grandes clássicos da literatura, como é o caso da recente adaptação de “A Divina Comédia” de Dante Alighieri. O cordelista fala sobre sua arte, que tem se mostrado um veículo precioso para abarcar temáticas populares, dentre elas a religiosidade.

A segunda entrevista é com Alex Villas Boas, professor do Departamento de Teologia da PUC-SP. Villas Boas fala de sua trajetória na academia e sobre suas pesquisas sobre a experiência de Deus, a mostagogia, nos trabalhos do escritor Carlos Drummond de Andrade. Com propriedade e otimismo pelo crescente interesse no tema, mas também com ressalvas metodológicas, o professor defende a relevância acadêmica da convergência entre arte, religião e literatura, inclusive apontando exemplos na história intelectual onde a distinção entre estes domínios não era tão abrupta como por vezes querem nossas categorizações.

Na seção de artigos, veremos como o trabalho de Carl Gustav Jung, que entendia a psique humana como de “natureza religiosa”, pode contribuir para diferentes textos aqui

apresentados. O primeiro, de Fernando Rocha Beserra, trata da religiosidade nas peças do artista contemporâneo americano Alex Grey. Exponente da chamada “Arte Visionária”, Grey é adepto do uso de psicodélicos para alcançar os Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC) e realizar sua obra. Para compreender esse trajeto, Beserra usa Jung como marco teórico ao investigar como as mudanças transitórias de consciência e a força das imagens arquetípicas influenciaram o artista americano.

A contribuição de Jung aparece também no artigo de Monica Giraldo Hortegas, que analisa a religiosidade na poesia de Adélia Prado. Para tanto, são usadas duas poesias de “Misere”, último livro publicado pela escritora. Usando a hermenêutica simbólica, Monica Hortegas mostra que os temas como o valor da vida, do ser e de Deus, estão presentes tanto nas obras de Jung quanto nas de Adélia Prado.

Também tomando como referência o pensamento de Jung, Ana Luisa Prospero Leite trabalha os conceitos de morte simbólica com caráter renovatório na Naturologia, a partir do diálogo com mitos de seis povos de origens bastante diferentes (Nova Zelândia, Brasil, Grécia, antiga Suméria, Nova Guiné e Mesoamérica Maia). Tendo como base a leitura mítica pela perspectiva junguiana, e a identificação de dois mitologemas – que podem ser narrados e trabalhados pela *arteterapia* -, o artigo avalia sua possibilidade como ferramenta terapêutica.

As manifestações artísticas dos primeiros cristãos, presentes em afrescos e epitáfios nas catacumbas romanas, que constituem a chamada “Arte Paleocristã”, são apresentadas no artigo de Angelina Carr Ribeiro Martins como a manifestação de uma nova *religio*. Ainda restrito a um grupo pequeno e basicamente formado pelas camadas sociais menos favorecidas, os recém-convertidos viam nas catacumbas o espaço sem censura para exercitar sua religiosidade.

A religiosidade popular presente no conto “O burrinho pedrês”, de João Guimarães Rosa, é o tema do artigo de Marlene Bezerra Duarte. A memória cultural, a experiência de sentido da vida, os ritos de iniciação, as virtudes da alma e a busca da transformação do ser estão marcadamente presentes na narrativa roseana. Fica evidente que o escritor lança mão de diversos elementos religiosos para compreender e nos fazer compreender os personagens do sertão.

No artigo seguinte, José Altran recorre à filosofia para colocar a religião e a arte como cenários cruciais para o desenvolvimento de uma epistemologia controversa, fundada na

arracionalidade. Esta hipótese apontaria caminhos preliminares para o desenvolvimento de metodologias ansiando a apreensão e expressibilidade do unívoco, supostamente melhor entendido pelos místicos e artistas. A premissa epistemológica norteia-se em Henri Bergson e toma como objetos o *numen* místico de Rudolf Otto e o *sublime* estético de Edmund Burke.

Nesta edição também contamos com um artigo internacional do antropólogo e cientista da religião Gyorgy Henyei Neto. O pesquisador aborda atividades ritualísticas percebidas em espaços públicos destinados à arte, como museus e exposições, para fazer uma ponte com a religiosidade. Buscando fundamentação em diversos autores e conceitos criados ou desconstruídos por eles, encontra naqueles cenários “profanos” alguns fenômenos bastante trabalhados pela Antropologia e comumente associados à religiosidade, como ritual e mito.

Na seção de traduções, iniciamos com o texto de Tony Schloss, traduzido por Mariana Lins Prado, que aborda um dos mais aclamados filmes de ficção científica, “Blade Runner”. Na Los Angeles pós-apocalíptica apresentada por Ridley Scott, criaturas construídas cientificamente - os *replicantes* - se deparam com um caçador de recompensas, e se mostram tão (ou mais) humanos que ele. Como pano de fundo da trama futurista, permeada de variadas referências religiosas, temos os dilemas e as discussões de uma ciência que se torna a ferramenta de Deus.

Por fim, a resenha de Isadora Sinay sobre o livro “Os Judeus e as Palavras” mostra o trabalho de Amos e Fania Oz. Pai e filha escrevem um livro acadêmico, mas com linguagem relativamente mais acessível, cuja finalidade é trabalhar a importância que os textos judaicos sagrados e profanos deixaram à história ocidental e para o mundo.

A próxima edição da revista Último Andar, de número 26, será não-temática, para contemplar novos textos recebidos, de temas variados, e no intuito editorial de aumentarmos o número de publicações anuais, tendo em vista o crescimento do periódico. A edição seguinte (27), *Ateísmos: perspectivas e tendências*, trará o tema anteriormente previsto para a número 26. Reforçamos a chamada para pesquisas, traduções e resenhas nesta temática, sem deixar de incentivar também o contínuo envio de textos sobre outros temas para novas edições. Convidamos, em especial, autores das mais variadas áreas, instituições, e também de outros países e idiomas, desde que abordem questões relacionadas à religiosidade. É importante que  
[revista Último Andar (ISSN 1980-8305), n. 25, 2015]

tais contribuições cumpram com as diretrizes de publicação descritas no portal (<http://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/about/submissions#authorGuidelines>) e sejam enviadas exclusivamente para [ultimoandar@pucsp.br](mailto:ultimoandar@pucsp.br).

Consideramos a conquista do Qualis B1 um firme passo de uma progressiva escalada, e continuamos contando com a colaboração de todos, pedindo não apenas que enviem novos textos (abrindo agora maior espaço para traduções e resenhas, além dos artigos), como que também divulguem este veículo acadêmico na medida do possível. Enquanto mantemos o portal da revista (<http://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar>) como o ponto de orientação em termos de normas, informações gerais, e onde disponibilizamos a publicação em si, pedimos a gentileza de compartilhem as chamadas da *Último Andar* lançadas a partir dos emails recebidos, eventos da área ou da página do Facebook (<https://www.facebook.com/revistaultimoandar>). Seja você um colaborador, pesquisador ou apenas um leitor interessado, agradecemos não só sua participação como produtor de conteúdo, mas também como divulgador. Um incremento no conceito, tamanho, periodicidade, variedade, visibilidade e popularidade da revista tem a beneficiar a todos nós, e em conjunto, estamos neste caminho.

Desejamos-lhe uma leitura agradável e inspiradora.

*Comitê Editorial*